

Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio

**Maria Cristina de Sousa Pimentel
e Nuno Simões Rodrigues (Coords.)**

OS AMIGOS DE GERMÂNICO

RODRIGO FURTADO
Universidade de Lisboa

Devo começar por admitir que não sei porque aconteceu a *relegatio* de Ovídio. Nem sequer sei se ele foi mesmo desterrado ou se tudo não passou de extraordinária ficção de uma nascente literatura de exílio. Para o historiador, esse pode ser um problema, pelo perigo de vir a extrair conclusões de textos que pretendem apresentar como autobiográfico o que pode ser apenas fantasia. Ainda assim, Ovídio não nasceu fora do tempo. Na sua literatura de exílio constantemente se referem personagens «históricas», que podem funcionar como garante de uma eventual ilusão de realidade.

Entre elas, encontra-se Germânico. Ora, apesar de muitos aceitarem a anterior amizade entre ambos, foi apenas durante esta *relegatio*, «real» ou ficcionada, que Ovídio começou a referir-se a Germânico: pela primeira vez em *Tristia* 2. 167 (9 d.C.), ainda anónimo entre os *nepotes* de Augusto; dois anos depois, apenas suposto em *Tristia* 4. 2. 9, entre os *iuuenes* que cresciam sob o *nomen* de Tibério; depois, incluído entre a «boa descendência» de Druso (*Tr.* 4. 2. 40). Nada mais; nem o nome. Na poesia de Ovídio, Germânico aparece tarde e anonimamente, nada fazendo adivinhar proximidade antiga. Ovídio começou a interessar-se por ele apenas em *Ex Ponto* 2. 1 (13 d.C.): vaticina-lhe então grandioso futuro e promete vir a cantá-lo se as condições do «exílio» o permitirem (vv. 49-68). É facto que Germânico é então ainda um *iuuenis*, cujos feitos afinal se projectam ainda no futuro. Contudo, continuará depois a ser referido em composições destinadas a amigos do poeta, que surgem como intermediários num eventual pedido que faça regressar Ovídio a Roma¹. Sobretudo a epístola a Suílio (15/16 d.C.) é notável pela aproximação poética de Germânico aos deuses e pela promessa de Ovídio de vir a dedicar o seu talento ao general (*Ex P.* 4. 8. 65-66).

Cumprirá a promessa². Depois de uma versão dedicada a Augusto e talvez nunca acabada, Ovídio resolveu voltar aos *Fastos* (ca. 15-16), para compor nova dedicatória, desta vez a Germânico (*fast.* 1. 3-26). Após a promessa feita na epístola a Suílio, esta dedicatória representava o cumprimento do *do ut des* clientelar. Fosse o desejado regresso a Roma real ou metafórico, há obviamente no Ovídio dos últimos anos uma atenção para com Germânico. E não creio que tenha sido por mérito poético – o autor dos *Aratea* não é grande poeta; e traduzir Arato era claramente exercício juvenil³.

Há portanto, repito, no Ovídio posterior ao ano 13 uma atenção para com Germânico. Mas não uma outra atenção; a atenção. Antes de 13, na poesia de

¹ *Ex P.* 2. 5 (Cássio Salano), *Ex. P.* 4. 5 (Sexto Pompeio), *Ex. P.* 4. 8 (P. Suílio Rufo), *Ex P.* 4. 13 (Caro).

² HERBERT-BROWN (1994) 175-176, 204; FANTHAM (2007) 386-387.

³ Cf. Lact. 2. 5. 24, Jer. *in Tit.* 1. 12. Varrão Atacino, Cícero e Ovídio traduziram os *Phaenomena* de Arato.

Ovídio, Germânico é apenas mais um dos filhos de Tibério e nada faz adivinhar proximidade. Tudo muda em 13. Basta observar a biografia de Germânico: em Janeiro de 12 assumiu o consulado com apenas 25 anos, sem passar pela pretura; em Outubro recebeu *νικητήρια τιμαί* e Augusto escreveu ao senado a recomendá-lo (D.C 56. 17. 2; 56. 26. 1-2). Desde 7 d.C., Germânico esteve ocupado com assuntos militares. O seu regresso à Urbe colocara-o, pois, no centro do mundo político. Tudo o mais o recomendava: era neto de Lívía e filho do muito popular Druso (Tac. 1. 33⁴); era também neto de Marco António e da ilustre Octávia, a irmã de Augusto; desde 4 d.C., e por imposição do príncipe (Tac. 1. 3. 5, Suet. *Tib.* 15. 2), tornara-se filho adoptivo de Tibério. Era, assim, irmão adoptivo e cunhado de Druso, o filho de Tibério, que casara com sua irmã, Lívía. Ele próprio casara em 5 d.C. com Agripina, neta de Augusto, e em 12 tinha já três filhos. Por fim, em 13, fora enviado para a Germânia para comandar as legiões do Reno.

Não são precisas mais razões para que Ovídio procurasse a aproximação (real ou ficcionada) a Germânico. Seria acaso notável que Ovídio se dirigisse directamente pela primeira vez ao general em 13, na sequência de um biénio admirável na sua carreira.

Se Ovídio tiver mesmo frequentado o «círculo» de Júlia Menor⁵, concedo que se tivesse aí cruzado com Germânico, cunhado desta; Ovídio era autor conhecido e admito que os gostos literários de ambos pudessem ter propiciado uma aproximação. Contudo, não há indicações seguras de que o mais famoso dos amigos de Germânico o tenha sido de facto. Sem provas, não creio que se possa fazer recuar uma amizade para antes de 13⁶: não temos indicação de que Ovídio tenha frequentado a casa de Lívía e de Antónia Menor, onde Germânico deve ter sido educado; este tinha 21 anos quando foi enviado em 7 d.C. para a Dalmácia (D.C. 55. 31-32. 2); regressou no ano seguinte a Roma e, talvez por essa altura, organizou jogos de gladiadores em memória de seu pai (D.C. 55. 27. 1); depois, andou quase três anos pelo *limes*; regressou a Roma no final de 11 d.C. para assumir o consulado, quando Ovídio já estaria há muito no exílio. Além disso, o poeta apenas «investiu» em Germânico em 13, *após* a consagração político-militar do general. E mesmo assim debalde: ou o seu *error* fora tão grave que nem Germânico foi capaz de algo; ou este não se sentiu obrigado a uma resposta, porque não havia uma relação entre ambos; ou não havia qualquer exílio a resolver, e a poesia de Ovídio é pura fantasia.

No entanto, algo Ovídio e Germânico têm em comum: amigos. De facto, entre 13 e 16, a principal estratégia de aproximação de Ovídio a Germânico foi através de amigos comuns. Apenas esta constatação não prova a proximidade entre ambos, mas pode ter sido essa a razão pela qual Germânico tenha sido escolhido depois de 13 – tendo amigos comuns, seria mais fácil o patrocínio de um eventual regresso a Roma.

⁴ Excepto indicação em contrário, são os *Anais* o texto de Tácito citado.

⁵ Cf. Sid. Apoll. *carm.* 23. 158-161. Veja-se o contributo de N. S. Rodrigues neste volume.

⁶ Contra esta interpretação, LUISI (2008) 37-38.

*

Não existe qualquer lista dos amigos de Germânico, organizada pelas fontes. No entanto, mesmo sem se referir propriamente a facção ou partido, é evidente que pelo menos Tácito considera haver um *grupo* ou *grupos* em torno de Germânico. Por vezes, e de forma anónima, Tácito chama-lhes *amici*, vocábulo que deve denotar a particular proximidade ao príncipe e que pode talvez marcar uma adesão política⁷. No entanto, esta última conotação é a maior parte das vezes demasiado ténue para que tenhamos necessariamente de a admitir. De qualquer modo, existe um grupo (ou grupos) de *amici* ou pelo menos de *comites* de Germânico. Compulsando Ovídio, Veleio Patérculo, Tácito, Suetónio e Cássio Dión (com algumas referências mais esparsas de Plínio-o-Velho e de Josefo), é possível fazer uma lista. Elenco abaixo todos os que aparecem explicitamente referidos como *amici* ou *comites* de Germânico e ainda todos os que se encontram explicitamente relacionados de forma próxima com Germânico e a sua actuação, desde que não sejam apresentados como seus adversários (como o caso de Pisão). É evidente que nem todos os nomes que aparecem associados a Germânico têm de ter sido necessariamente de «amigos» seus; por isso, a lista que se segue é sobretudo um elenco dos indivíduos que mantiveram algum tipo de relação com Germânico.

Próximos de Germânico, estão assim homens ligados à cultura e ao ensino:

(i) Cássio Salano⁸, referido por Ovídio em epístola provavelmente ainda de 13 (Ov. *ex P.* 2. 5), foi preceptor de Germânico (Plin. *NH* 34. 47), seu *comes antiquus*, *primis iunctus ab annis* (*ex P.* 2. 5. 43-4) e *particeps studii* (2. 5. 42). Ovídio não convivera muito com ele (2. 5. 7), o que de novo pode constituir indício de que também não convivera muito com Germânico. Pouco mais se sabe sobre ele⁹;

(ii) Caro¹⁰, a quem no Inverno de 14/15 Ovídio destinou uma epístola (Ov. *ex P.* 4. 13; cf. *Trist.* 3. 5. 17), foi poeta¹¹ e preceptor dos filhos de Germânico (*ex P.* 4. 13. 48);

(iii) Albinovano Pedão¹², também referido por Ovídio (*ex P.* 4. 10), foi poeta de créditos firmados (Ov. *ex P.* 4. 10, 4. 16. 6, Sen. *contr.* 2. 2. 12, Quint. 6. 3. 61, 10. 1. 90, Mart. *praef.*, 2. 77. 6, 5. 5. 6, 10. 19). Ele próprio (ou um familiar?) deve ser o Pedão que foi prefeito de Germânico no Reno (Tac. 1. 60) e que escreveu um poema sobre a campanha do mar do Norte em 16 (Sen. *suas.* 1. 15);

(iv) M'. Emílio Lépidio¹³ (*cos.* 11) foi preceptor de Nero, o filho mais velho

⁷ Cf. *OLD* s.u. *amicus*, -a, -um 2a.

⁸ *PIR*² C 520.

⁹ Foi *auunculus* de um escultor chamado Zenodoro: Plin. *NH* 34. 47.

¹⁰ *PIR*² C 455.

¹¹ Autor de um poema sobre Hércules: Ov. *ex. P.* 4. 13. 11, 4. 16. 7.

¹² *PIR*² A 479.

¹³ *PIR*² A 363, Laet 14.

de Germânico, nascido em 6 (Sen. *suas.* 2. 3. 23). A escolha de Lépido deve ter dependido de Germânico. A irmã fora noiva de Lúcio César († 2), irmão de Agripina (Tac. 3. 23).

Já entre os *amici/comites* de Germânico no Reno¹⁴, começo por aqueles acerca dos quais não temos indícios de outras relações com Germânico ou com a família, antes ou depois das campanhas renanas:

Além provavelmente de Albinovano Pedão, já referido, contem-se (v) Emílio, um centurião (Tac. 2. 11; cf. 4. 42); (vi) L. Estertínio, *dux equitum* entre 15-16; (vii) C. Cetrônio¹⁵, legado durante a revolta das legiões (Tac. 1. 44); (viii) C. Âncio¹⁶, legado em 16 (Tac. 2. 6); (ix) Anceio¹⁷, também legado em 16 (Tac. 2. 6). Laet considera os três últimos senadores.

Além destas personagens menores, considerem-se também entre os possíveis *comites* de Germânico outros indivíduos, mais importantes, mas que também não parecem manter com ele outras relações além das que foram estabelecidas no Reno:

(x) A. Cecina Severo (*suff.* 1 a.C.)¹⁸, *homo nouus* de Volterra, foi legado na Mésia, procônsul em África e um dos generais de Germânico no Reno (Tac. 1. 31-2, 37, 48, 50, 56, 60-61, 63-6, 2. 6). Conquistou *insignia triumphalia* em 16 (Tac. 1. 72) e regressou depois a Roma (Tac. 3. 18, 33-34). Não acompanhou Germânico ao Oriente;

(xi) Lúcio Aprônio¹⁹ (*suff.* 8), talvez *homo nouus*, foi legado na Germânia entre 15-16 (Tac. 1. 56) e recebeu insígnias triunfais em 16 (Tac. 1. 72). Era sogro de um M. Pláucio Silvano (Tac. 4. 22) e de Cn. Cornélio Lêntulo Getúlico, um amigo de Sejano (Tac. 6. 30). Foi procônsul da África entre 18-21, onde ganhou insígnias triunfais (Tac. 3. 21, 4. 13), e propretor da Germânia Inferior *ca.* 28 (Tac. 4. 73, 6. 30, 11. 19).

Já entre os indivíduos que estiveram no Reno e que, com segurança, mantiveram depois relações com Germânico, contam-se:

(xii) C. Sílio A. Cecina Largo²⁰ (*cos.* 13), certamente descendente da nobreza do século I a.C.²¹, etrusco de Volterra, foi general de Germânico no

¹⁴ Tac. 1. 37, 1. 40, 2. 12, 2. 24. Neste cenário, os seus *amici* são os comandantes militares que combatiam sob as suas ordens, eventualmente os homens mais próximos ou escolhidos pelo próprio Germânico. Tácito não lhes atribui atitude mais política ou negocial no contexto da revolta das legiões do Reno. A única referência menos lisonjeira de Tácito para com estes *amici* indica que Germânico não confiava nos seus juízos militares devido à *adulatio* que os caracterizaria.

¹⁵ *PIR*² C 216, Laet 79.

¹⁶ *PIR*² A 780 sugere que ele descenderia de Âncio Rescião, proscrito pelo segundo triunvirato. Laet 33.

¹⁷ *PIR*² A 727, Laet 28.

¹⁸ *PIR*² C 106, Laet 73. Tácito dá-lhe grande protagonismo na narrativa das campanhas da Germânia. Fora legado na Mésia, já em 6 d.C. Vell. 2. 112. 4-6, 2. 113. 2, 2. 113. 3, D.C. 55. 29. 3, 55. 30. 3, 55. 30. 4, 55. 32. 3.

¹⁹ *PIR*² A 971, Laet 39. Aprônio foi também *triunvir monetalis* em 9 a.C. e legado na Dalmácia em 9 d.C. (Vell. 2. 116. 3).

²⁰ *PIR*² S 718, *RE* IIIA, *Silius* 12, Laet 353, BRUNT (1961) 79-80; SYME (1966) e SHOTTER (1967).

²¹ Era filho ou filho adoptivo de P. Sílio Nerva (*cos.* 20 a.C.). Deve ser descendente também dos Cecinas (a mãe pode ter sido uma Cecina casada com Sílio Nerva; outra hipótese é C. Sílio

Reno (Tac. 1. 31, 2. 6, 2. 7, 2. 25) e também recebeu em 16 insígnias triunfais (Tac. 1. 72). Depois do regresso de Germânico a Roma, C. Sílio manteve-se na Germânia, pelo menos até 21 (Tac. 3. 41-46, 4. 18). Suicidou-se em 24, perseguido por Sejano (Vell. 2. 130. 3, Tac. 4. 18-19);

(xiii) Sósia Gala²² era mulher de C. Sílio. Também exilada em 24;

(xiv) P. Suílio Rufo²³ foi um *homo nouus* que casou com a enteada de Ovídio (Ov. *ex P.* 4. 8. 11) e a quem o poeta pediu que intercedesse por si junto de Germânico (Ov. *ex P.* 4. 8)²⁴. Efectivamente, foi questor possivelmente no Reno (Tac. 4. 31, 13. 42) e talvez depois na Síria, onde permaneceu como legado de Tibério²⁵. Foi exilado em 24 (Tac. 4. 31). Era meio-irmão de Cesónia, a última mulher de Calígula. Favorito de Cláudio (Tac. 4. 31), foi cônsul sufecto (*suff.* 41 ou 44 ou 45) e procônsul da Ásia (Tac. 13. 43). Foi exilado por Nero nas Baleares (Tac. 13. 43. 5);

(xv) P. Vitélio²⁶, *homo nouus* de Lucéria, acompanhou Germânico no Reno (Tac. 1. 70 2.6, Suet. *Vit.* 2) e depois até ao Oriente, quando se tornou procônsul da Bitínia. Estava em Antioquia quando Germânico morreu (Tac. 2. 74). Foi depois um dos acusadores de Pisão (Plin. *nat.* 11. 187, Tac. 2. 74, 3. 10, 3. 13, 3. 17, Suet. *Vit.* 2), razão pela qual recebeu de Tibério um sacerdócio (Tac. 3. 19). Prefeito do erário militar em 31 (Tac. 5. 8), foi acusado de cumplicidade com Sejano, tentou suicidar-se e morreu pouco depois (Tac. 5. 8, Suet. *Vit.* 2). A mulher, Acúcia, foi condenada em 37 (Tac. 6. 47);

(xvi) L. Seio Tuberão²⁷ (*suff.* 18), também *homo nouus*, foi legado no Reno (Tac. 2. 20) e colega de Germânico no consulado. Era irmão adoptivo de Sejano, talvez por ter sido adoptado pelo pai deste, L. Seio Estrabão²⁸. Foi também amigo de Tibério (Tac. 4. 29). Contudo, chegou a ser acusado de conspiração contra o imperador em 24, mas foi ilibado (Tac. 4. 29), *defecto corpore*. Deve ter morrido pouco depois.

Entre os participantes na viagem ao Oriente, além de Suílio e Vitélio, contem-se:

(xvii) Q. Serveu²⁹, que Germânico colocou à frente de Comagene (Tac. 2. 56) e que se tornou depois um dos acusadores de Pisão (Tac. 3. 13). Tibério atribuiu-lhe, por isso, um sacerdócio (Tac. 3. 19). Depois, tornou-se amigo de Sejano, razão pela qual foi perseguido após a queda do prefeito do pretório (Tac. 6. 7);

ser filho de um Cecina, e ter sido depois adoptado por Sílio Nerva).

²² *PIR*² S 781; *RE* S XIV, *Sosius* 13a, *FOS* 720.

²³ *PIR*² S 970, *RE* IVA, *Suilius* 4, 5, *Laet* 794, 1125. A mãe dele era a célebre Vistília (Plin. *nat.* 7. 39).

²⁴ Cf. SYME (1978) 89.

²⁵ SYME (1978) 89.

²⁶ *PIR* V 502, *RE* IXA, *Vitellius* 51, *Laet* 425. Deve ter estado na Trácia, ca. 6-8 d.C. (Ov. *ex P.* 4. 7. 27).

²⁷ *PIR*² S 324, *RE* IIA, *Seius* 17, *Laet* 331.

²⁸ SUMNER, 1965. Cf. Vell. 2.127.3.

²⁹ *PIR*² S 557, *Laet* 342.

(xviii) Q. Verânio³⁰ foi nomeado por Germânico legado na Capadócia (Tac. 2. 56). Tal como o anterior e P. Vitélio, também Verânio participou na acusação a Pisão (Tac. 2. 74, 3. 10, 3. 13, 3) e foi por isso agraciado com um sacerdócio por Tibério (Tac. 3. 19). Ele (ou mais provavelmente o filho) foi homem forte de Cláudio, tornando-se tribuno da plebe em 41 (J. ant. 19. 3. 4), legado na Lícia, depois cônsul em 49 e legado na Britânia, onde morreu em 58-59 (Tac. 14. 29, *Agr.* 14).

(xix) C. Víbio Marso³¹ (*suff.* 17), talvez também escritor³², foi legado de Germânico no Oriente e, depois da morte deste, reivindicou de balde o governo da Síria (Tac. 2. 74). Regressou a Roma com Agripina (Tac. 2. 79). Foi procônsul da África entre 27-30, talvez por influência de Sejano. Em 37, apenas a morte de Tibério impediu a sua condenação por traição (Tac. 6. 47-48). Voltou a ser legado na Síria sob Cláudio (Tac. 11. 10, J. ant. 19. 6. 4, 19. 7. 2, 19. 8. 1, 19. 9. 2, 20. 1. 1);

(xx) Cn. Sêncio Saturnino (*suff.* 4)³³ descendia da nova aristocracia romana do século I a.C. e uma sua tia-avó teria sido cunhada ou mãe de Escribônia, a ex-mulher de Augusto³⁴. Era, pois, primo afastado de Agripina. Esteve com Germânico na Síria. Após a morte deste, disputou com êxito o governo da província contra Víbio Marso (Tac. 2. 74). É o único dos que estiveram no Oriente acerca de quem não se conhece outra ligação a Germânico ou à família;

Por fim, sem relação nem com o Reno nem com o Oriente, contem-se também:

(xxi) Sexto Pompeio³⁵ (*cos.* 14), neto de um primo de Pompeio Magno, foi, segundo Ovídio, próximo de Germânico (Ov. *ex P.* 4. 1, 4. 4, 4. 5, 4. 15). Nada mais se conhece sobre esta relação. Foi procônsul na Macedônia em 8/9, e talvez procônsul da Acaia ou da Ásia 24-25. Recusou defender Pisão (Tac. 3. 11), mas opôs-se ao proconsulado de M. Emílio Lépidio na Ásia (Tac. 3. 32). Morreu antes de 29³⁶;

(xxii) Tício Sabino³⁷, cavaleiro conhecido pela *amicitia* com Germânico (Tac. 4. 18, 4. 68), foi perseguido por Sejano (Plin. *nat.* 8. 145) e executado em 28 (Tac. 4. 68-70, D.C. 58. 1-3).

(xxiii) Q. Cecílio Metelo Crético Silano³⁸ (*cos.* 7), cuja filha esteve prometida a Nero, filho primogénito de Germânico (Tac. 2. 43), foi governador

³⁰ *PIR*¹ V 265, 266, *RE* VIII A, *Veranius* 2, 3, Laet 405, 826. Cf. SYME (1957).

³¹ *PIR*¹ V 388, *RE* VIII A, *Vibius* 39, Laet 410. É possível que Víbio Marso seja descendente ou familiar de C. Víbio Póstumo (*suff.* 5) ou de A. Víbio Hábito (*suff.* 8).

³² Tac. 6. 47.

³³ *PIR*² S 395, *RE* II A, *Sentius* 11, Laet 338.

³⁴ Ele era filho de C. Sêncio Saturnino, *homo nouus*, cônsul em 19 a.C. e legado na Síria e na Germânia, sob Tibério (cf. *PIR*² S 393). A tia-avó seria Sêncica, irmã de C. Sêncio Saturnino Vetulo, casada com Lúcio Escribônio Libão (*cos.* 34 a.C.). SCHEID (1975), 363 considera esta Sêncica como mãe de Escribônia.

³⁵ *PIR*² P 584, Laet 296. SYME (1978) 156-168.

³⁶ SYME (1978) 162.

³⁷ *PIR* T 202.

³⁸ *PIR*² C 64, Laet 71.

da Síria entre 14-17 (J. ant. 18. 52, Tac. 2. 4). Segundo Tácito, a proximidade a Germânico motivou a sua saída da Síria em 17 (Tac. 2. 43). Scheid propôs que o seu pai adoptivo, Q. Cecílio Metelo [Crético?], fosse casado com uma Escribónia, sobrinha ou sobrinha-neta da ex-mulher de Augusto e irmã de M. Escribónio Libão, o revoltoso de 16³⁹. Raepsaet-Charlier sugere que esta Escribónia fosse antes a própria mulher de Crético Silano⁴⁰;

(xxiv) D. Hatério Agripa⁴¹ (cos. 22), talvez neto de M. Agripa e de Marcela Maior⁴², foi tribuno da plebe em 15 (Tac. 1. 77) e pretor em 17 com o apoio de Germânico e de Druso (Tac. 2. 51). Defendeu a condenação do poeta Clutório Prisco (Tac. 3. 49). Morreu já depois de 32;

Excluí da listagem:

- os Pláucios Silvanos, de cuja família sai Urgulanila, primeira mulher de Cláudio. Porém, este casamento (ca. 15) está relacionado com a amizade entre as avós dos noivos, Lívía e Urgulânia⁴³. É facto que Cláudio estimava os Pláucios (Suet. Claud. 24. 3) e que A. Pláucio (cos. 1 a.C.) casou com uma Vitélia⁴⁴, irmã ou prima de P. Vitélio. Contudo, não há indícios de contacto directo entre Germânico e os Pláucios;

- Clutório Prisco⁴⁵ foi um cavaleiro que escreveu uma *conquestio de morte Germanici Caesaris*⁴⁶, pela qual recebeu uma recompensa de Tibério, a quem certamente dedicara o poema. Esta composição pode ter sido encomendada devido à proximidade de Prisco a Germânico, mas nada confirma esta possibilidade. Mais tarde, em casa de P. Petrónio, Prisco recitou um poema sobre a morte de Druso, filho de Tibério, estando ele ainda vivo. Por isso, foi supliciado (Tac. 3. 49-51, D.C. 57. 20. 3-4). Se esta condenação poderia talvez situar Prisco no contexto da oposição a Tibério (o que não é certo⁴⁷), não significa de todo proximidade efectiva a Germânico.

- P. Petrónio⁴⁸ (suff. 19) era genro de Aulo Pláucio e de Vitélia, irmã ou prima de P. Vitélio. Foi na sua casa que Clutório Prisco recitou a *conquestio Drusi* que acabaria por o levar à morte (Tac. 3. 49). Foi procônsul da Ásia, provavelmente entre 29-35 (certamente com apoio de Sejano) e prefeito da Síria entre 37/38-41/42. Era amigo de Cláudio, o que pode constituir indício de proximidade a Germânico (Sen. apocol. 14). Contudo, em nenhuma ocasião surgem ambos declaradamente associados;

³⁹ SCHEID (1975) 368.

⁴⁰ FOS 688.

⁴¹ PIR² H 25, Laet 188.

⁴² Possibilidade defendida por SYME (1986) 133, 145, 162-163.

⁴³ M. Pláucio Silvano (cos. 2 a.C.; PIR² P 478, RE 21, Plautius 43, Laet 291), pai de Urgulanila, parece ter sido próximo de Lívía. Foi procônsul da Ásia e governador da Galácia.

⁴⁴ Sobre A. Pláucio: RE 21, Plautius 39, Laet 289. Sobre Vitélia: PIR V 513, FOS 816.

⁴⁵ PIR² C 1199. Veja-se PETRINI (2008). Talvez o Priscus referido em Ov. ex P. 4.16.10.

⁴⁶ PETRINI (2008) 80.

⁴⁷ Cf. PETRINI (2008), que não defende esta oposição.

⁴⁸ PIR² P 269, RE 19, Petronius 24, Laet 283.

- Paulo Fábio Máximo⁴⁹ (*cos.* 11 a.C.) foi considerado por M. Pani como amigo de Germânico devido à sua suposta proximidade a P. Vitélio, sugerida pelo facto de ambos terem sido atacados por Cássio Severo (cf. *Sen. contr.* 2. 4. 11-12, *Suet. Vit.* 2. 11). No entanto, o ataque de Severo a Fábio Máximo foi motivado pela sua facúndia, enquanto o ataque a Vitélio criticava a origem social deste. De resto, este não era o Vitélio amigo de Germânico, mas o seu pai (*Suet. Vit.* 2). M. Pani também defende que Fábio Máximo era «rappresentante [...] di una concezione «monarchica» innovatrice del principato»⁵⁰. Esta conclusão baseia-se no famoso edicto de Fábio Máximo de 9 a.C., na Ásia, onde no entanto a divinização do príncipe obedecia, creio, a códigos retórico-culturais tradicionais⁵¹. De facto, julgo que a proximidade entre os edictos de Fábio Máximo na Ásia e os de Germânico no Egipto, que segundo Pani mostrariam ideias políticas comuns, se explica sobretudo pelo contexto da sua produção, em pleno Mediterrâneo helenístico (cf. abaixo). Pani recorda também que Fábio Máximo era *fautor* de Ovídio (*Ov. ex P.* 1. 2), cuja terceira esposa pertencia à *domus Fabia* (*Ov. ex P.* 1. 2. 138)⁵². Contudo, a proximidade Ovídio-Germânico é, como procurei mostrar, questionável. Além disso, Fábio Máximo parece ter tentado em 14 a reconciliação entre Augusto e Agripa Póstumo (*Tac.* 1. 5, *Plin. NH.* 7. 150). Ora, a relação próxima entre Póstumo e Germânico também não é segura (cf. abaixo), e não seria suficiente para garantir a proximidade a Fábio Máximo. Este era também patrono da literatura (*Hor. odes* 4. 1, *Juv.* 7. 95), outro elemento não suficiente para o associar a Germânico;

- M. Júlio «Herodes» Agripa, neto de Herodes-o-Grande, talvez desde antes de 4 a.C., viveu em casa de Lívia e Antónia Menor, tendo certamente contactado aí com Germânico. Herodes Agripa tornar-se-á amigo de Druso, filho de Tibério, o que pode também tê-lo aproximado de Germânico. No entanto, nenhuma fonte no-lo garante. No principado de Calígula, Agripa tornou-se rei na Judeia⁵³. Não foi ele o único oriental a passar por casa de Antónia: contem-se Tigranes V da Arménia, Antíoco IV de Comagene e Dario da Pártia e ainda Ptolemeu da Mauritânia e a rainha trácia Pitódoris II (estes dois eram descendentes de M. António e, por isso, primos de Germânico)⁵⁴. Se Germânico tiver contactado com todos, tinha então bom currículo quando da sua viagem ao Oriente.

- Cn. Domício Aenobarbo⁵⁵ (*cos.* 32), primo direito de Germânico, filho de L. Domício Aenobarbo (*cos.* 16 a.C.) e de Antónia Maior. Segundo Suetónio, Domício acompanhou Gaio César ao Oriente (*Suet. Nero* 5. 1). Contudo, Dessau considerou que Domício seria demasiado novo para tal empresa, pelo

⁴⁹ *PIR*² F 47, Laet 171.

⁵⁰ PANI (1979) 79 (cf. 79-83).

⁵¹ Veja-se a interpretação mais moderada e, creio, mais verosímil de SYME (1978) 138.

⁵² PANI (1979) 82.

⁵³ Cf. RODRIGUES (2007) 468-470, 475-489, 510-521.

⁵⁴ RODRIGUES (2007) 475.

⁵⁵ *PIR*² D 127, Laet 609.

que propôs que ele tivesse antes acompanhado Germânico até à Síria, hipótese recusada por Syme⁵⁶. Em 28, Domício casou com Agripina, filha de Germânico, mas por vontade de Tibério (J. *ant.* 20. 148, Tac. 4. 75, Plut. *Ant.* 87, Suet. *Nero* 5. 2, *Galba* 5, D.C. 58. 20. 1, 61. 2. 3). Foi cônsul certamente com a conivência de Sejano. Foi pai do imperador Nero. Morreu *ca.* 40.

Mais duvidosos ainda na relação com Germânico são os seguintes indivíduos:

- Fulcínio Trião⁵⁷ (*suff.* 31), *homo nouus*, participou em processos judiciais como acusador (Tac. 2. 28, 5. 11, D.C. 58. 25. 2), inclusive no de Pisão, embora contra a vontade dos amigos de Germânico (Tac. 3. 10). Foi amigo de Sejano (D.C. 58. 25. 2). Depois da morte deste, suicidou-se (Tac. 6. 38, D.C. 58. 25. 2-4);

- o patrício M. Emílio Lépidio⁵⁸ (*cos.* 6), cuja filha casou com Druso, segundo filho de Germânico (Tac. 6. 40), por certo já depois de este ter morrido. As fontes mostram-no próximo de Tibério (Vell. 2. 114. 5, 2. 115. 2, Tac. 2. 48; D.C. 56. 12. 2)⁵⁹;

- M. Aurélio Cota Máximo Messalino⁶⁰ (*cos.* 20), filho de M. Valério Messala Corvino (*cos.* 31) e adoptado por Aurélio Cota, foi um importante correspondente de Ovídio (Ov. *ex P.* 1. 5. 9, 1. 7. 33, 1. 7. 60, 2. 2. 101, 2. 3. 3, 2. 3. 5, 3. 8), mas opôs-se a Agripina e a Nero (Tac. 5. 3) e a Calígula (Tac. 6. 5). Era amigo de Tibério (Tac. 6. 5). Desconheço qualquer relação sua com Germânico.

Excluindo os últimos, conto pelo menos 24 indivíduos com alguma relação com Germânico. Anoto, desde já, quatro estranhezas: (i) antes de mais, a alta percentagem de *homines noui* entre estes *amici/comites* de Germânico – entre os dezassete senadores⁶¹, onze são *homines noui*⁶², e apenas dois de famílias da antiga *nobilitas* republicana⁶³; (ii) a ausência quase total de indivíduos relacionados com os círculos de Júlia Maior e de Júlia Menor; (iii) a ausência de muitos destes homens em torno de Agripina após a morte de Germânico; por fim, (iv) a existência de pelo menos três amigos de Germânico que se tornaram

⁵⁶ *PIR*¹ D 109. *PIR*² D 127 sugere que o Domício que acompanhou Gaio César tenha sido um irmão mais velho deste Domício Aenobarbo, de outro modo desconhecido. Veja-se SYME (1986) 155-156.

⁵⁷ *PIR*² F 517.

⁵⁸ *PIR*² A 369, Laet 16.

⁵⁹ Cf. SYME (1955), LEVICK (1976) 305, e SYME (1986) 128-140.

⁶⁰ *PIR*² A 1488, RE S. 15, *Aurelius* 27, Laet 60.

⁶¹ M. Emílio Lépidio, C. Cetrônio, C. Âncio, Anceio, A. Cécina Severo, L. Aprônio, C. Sílio A. Cecina Largo, P. Suílio Rufo, P. Vitélio, L. Seio Tuberão, Q. Serveu, Q. Verânio, C. Víbio Marso, Cn. Sêncio Saturnino, Sexto Pompeio, Q. Cecílio Metelo Crético Silano, D. Hatério Agripa. Cf. Laet, 1941.

⁶² Isto é, homens que não parecem contar com qualquer antepassado consular: C. Cetrônio, C. Âncio, Anceio, A. Cecina Severo, L. Aprônio, P. Suílio Rufo, P. Vitélio, L. Seio Tuberão, Q. Serveu, Q. Verânio, C. Víbio Marso. Quanto a este último, pelo menos, há algumas dúvidas importantes (cf. acima).

⁶³ Crético Silano e M. Emílio Lépidio.

próximos de Sejano⁶⁴, e de outros três⁶⁵ (além de Agripina e dos seus filhos mais velhos) que terão sido vítimas dele. Os dois últimos problemas não serão abordados neste artigo, por razões de espaço. Ficam, no entanto, apontados como problemas que merecem reflexão. Já os dois primeiros merecem aqui explicação.

*

Analisemos os amigos consulares de Germânico entre 7 (quando Germânico assumiu o seu primeiro cargo importante no *limes* danubiano) e 19 (ano da sua morte). Entre estes, e embora não saibamos quando começaram as suas relações com Germânico, encontramos Crético Silano como cônsul ordinário logo em 7 e, no ano seguinte, L. Aprônio como sufecto. Depois, entre 11 e 14, um dos cônsules de cada ano parece ter mantido alguma vez relações com Germânico (ele próprio será cônsul em 12)⁶⁶. É o período em que Germânico se notabiliza na política romana; o mesmo período em que Ovídio repara nele. Por fim, entre 17-18, encontram-se mais dois cônsules próximos do general⁶⁷: corresponde ao período do regresso de Germânico do Reno, do seu segundo consulado e da sua missão ao Oriente, quando Germânico surge como óbvio herdeiro de Tibério.

Estes resultados estão longe de comprovar que Germânico dominava a política em Roma: apenas sete companheiros seus conhecidos, num total de quarenta e um magistrados⁶⁸, foram cônsules entre 7-19. Não significa que não tenha havido mais; significa que não sei se há *amici* ou *comites* de Germânico entre os outros trinta e quatro cônsules ordinários e sufectos. Esta amostra pode afinal indicar que Germânico influenciou pouco o acesso ao consulado; ou que apenas o fez em momentos-chave da sua carreira. De facto, seria coincidência extraordinária que os consulados de indivíduos que devem ter mantido relações com Germânico correspondessem a anos centrais na carreira do general, sem que tal coincidência significasse algo. Mesmo que Germânico não fizesse *lobbying* (não sabemos), é certo que, nos anos em que o seu prestígio se afirmou na *Vrbs*, a proximidade ao general terá sido critério de valorização no acesso ao consulado.

⁶⁴ P. Vitélio, Seio Tuberão e Serveu (mais talvez Víbio Marso, Aprônio e P. Petrónio, Domício Aenobarbo e Fulcínio Trião). Seio Tuberão é um caso especial, porque era irmão adoptivo de Sejano.

⁶⁵ Sílio, Sósia Gala, Tício Sabino.

⁶⁶ M. Emílio Lépidio (*cos.* 11 d.C.), C. Sílio A. Cecina Largo (*cos.* 13), Sexto Pompeio (*cos.* 14).

⁶⁷ C. Víbio Marso (*suff.* 17), L. Seio Tuberão (*suff.* 18). A estes, poder-se-ia acrescentar P. Petrónio (*suff.* 19), se o considerarmos também próximo de Germânico.

⁶⁸ Estou a excluir os 4 consulados exercidos por membros da família imperial: o próprio Germânico (*cos.* 12, 18), Druso (*cos.* 15) e Tibério (*cos.* 18).

Podemos ir mais longe na análise⁶⁹. Entre 7 e 19 d.C. houve vinte e seis cônsules ordinários. Destes, quatro foram membros da família imperial⁷⁰. De entre os restantes vinte e dois cônsules ordinários, vinte saíram das famílias republicanas consulares (tradicionalistas ou mais recentes)⁷¹ e apenas dois foram *homines noui*⁷². Na mesma época, houve dezanove cônsules sufectos: três eram *nobiles*⁷³ e dezasseis, *homines noui*⁷⁴. Sendo assim, na época em que Germânico dominou a vida política na Urbe, apenas raramente se confiou o consulado ordinário a homens sem tradição; aconteceu o inverso entre os cônsules sufectos. De resto, isso representava já uma ligeira alteração ao padrão verificado nos treze anos anteriores, quando, entre 7 a.C.-6 d.C., três dos vinte e seis cônsules *ordinarii* e apenas nove dos dezanove *suffecti* tinham sido «homens novos»⁷⁵. De facto, entre 7 a.C.-6 d.C., apenas doze *homines noui* acederam ao consulado (ordinário ou sufecto); nos treze anos seguintes, foram dezoito. A partir de 7 d.C. parece haver, pois, uma maior presença de *homines noui* na vida política romana. Germânico não está, pois, fora de contexto quanto às suas amizades.

Os sete cônsules com alguma proximidade a Germânico entre 7 e 19 permitem ainda surpresa: os quatro *ordinarii* pertencem à *nobilitas* republicana; os três *suffecti* são *homines noui*. Os amigos de Germânico seguem o padrão da época: a *nobilitas* ocupa o consulado ordinário; os homens novos são sufectos. De resto, Germânico continua a cultivar relações com a *nobilitas* tradicional, como os Cecílios Metelos ou os Emílios ou os Pompeios: quando escolhe o preceptor de Nero, fá-lo na *gens* Emília, nada menos do que um neto do triúmviro; quando quer casar o seu primogénito, escolhe a descendente do último dos Cecílios Metelos, Crético Silano. Germânico e os amigos são bem homens do seu tempo – nada de revoluções ou de elementos inusitados.

⁶⁹ São vários os estudos sobre os consulados do início da era cristã. Veja-se sobretudo a discussão de MARSH (1926), SYME (1939) 434-438, JONES (1955), BRUNT (1961), SEALEY (1961), FERRILL (1970/1971), SYME (1981). Para as listagens de cônsules, veja-se ainda o já velho DEGRASSI (1947), complementados por Laet 1941 e pelo indispensável PIR².

⁷⁰ Germânico (em 12 e em 18), Druso (em 15) e Tibério (em 18).

⁷¹ Q. Cecílio Metelo Crético Silano e A. Licínio Nerva Siliano (7 d.C.), M. Fúrio Camilo e Sexto Nônio Quintiliano (8), Q. Sulpício Camerino (9), P. Cornélio Dolabela e C. Júnio Silano (10), M. Emílio Lépidio e T. Estatílio Tauro (11), G. Fonteio Capitão (12), C. Sílio A. Cécina Largo e L. Munácio Planco (13), Sexto Pompeio e Sexto Apuleio (14), C. Norbano Flaco (15), Sisena Estatílio Tauro e L. Escribónio Libão (16), G. Célio Rufo (17), e M. Júnio Silano Torquato e L. Norbano Balbo (19).

⁷² C. Popeu Sabino (9) e L. Pompónio Flaco (17).

⁷³ Ser. Cornélio Léntulo Maluginense (10), L. Cássio Longino (11) e M. Júnio Silano (15).

⁷⁴ Lucílio Longo (7), L. Aprónio e A. Víbio Hábito (8), Q. Popeu Segundo e M. Pápio Mútilo (9), Q. Júnio Bleso (10), C. Visélio Varrão (12), C. Víbio Rufo e C. Pompónio Grecino (16), C. Víbio Marso e L. Voluseio Próculo (17), L. Seio Tuberão, Livineio Régulo, C. Rubélio Blando e M. Vispiano Galo (18) e P. Petrónio (19).

⁷⁵ *Ordinarii*: L. Passieno Rufo (4 a.C.), L. Élio Lâmia (3 d.C.) e talvez M. Pláucio Silvano (2 a.C.); *suffecti*: Q. Hatério (5 a.C.), C. Célio (4 a.C.), C. Fúfio Gémino e Q. Fabrício (2 a.C.), A. Pláucio e A. Cecina Severo (1 a.C.), C. Clódio Lícino (4 d.C.) e C. Víbio Póstumo e C. Ateio Capitão (5 d.C.).

*

Uma das conclusões inesperadas nesta análise foi o da ausência de coincidência entre os *amici/comites* de Germânico e os de Júlia Maior e de Júlia Menor, filha e neta de Augusto. Há autores que supõem relações⁷⁶ e não seria de estranhar que existissem. Afinal, Júlia Maior⁷⁷, exilada em 2 a.C., era mãe de Agripina e sogra de Germânico. Este era assim cunhado de Agripa Póstumo⁷⁸ (exilado em 6/7) e de Júlia Menor⁷⁹ (exilada em 8). Sua irmã, Lívila, casara com Gaio († 4), irmão mais velho de Agripina. De resto, Agripina Maior⁸⁰ foi a única neta de Augusto que não morreu ou caiu em desgraça nos conturbados anos em torno da adoção de Tibério pelo imperador⁸¹.

Em 2 a.C., com Júlia Maior foram também *relegati* T. Quíncio Crispino, Tib. Semprônio Graco, Áp. Cláudio Pulcro e Cornélio Cipião⁸². Este último⁸³ era sobrinho de Júlia Maior, porque neto de Escribónia (a mãe de Júlia), e era primo de Emílio Paulo, o marido de Júlia Menor, exilado ou executado em 7, cuja mãe era uma Cornélia, também filha de Escribónia⁸⁴. Ápio Cláudio⁸⁵ era por certo tio materno de D. Júnio Silano⁸⁶, o amante de Júlia Menor, exilado em 8. Um M. Júnio Silano (*cos.* 25 a.C.)⁸⁷, talvez tio deste, era filho de uma Semprónia e por isso possível familiar do Semprônio Graco exilado com Júlia Maior; este mesmo M. Júnio Silano casou com Crispina⁸⁸, possivelmente familiar de Quíncio Crispino, outro dos exilados com Júlia Maior. Por fim, o neto deste mesmo Júnio Silano, chamado M. Júnio Silano Torquato (*cos.* 19 d.C.)⁸⁹, casou com Emília Lépidia⁹⁰, filha de Emílio Paulo e de Júlia Menor, prometida inicialmente a Cláudio, o irmão de Germânico. À volta das Júlias temos pois uma rede familiar onde pelo menos Escribónia, Semprônios Gracos, Júnios Silanos e Emílios Lépidos parecem cruzar-se⁹¹.

É óbvio que Germânico deve ter tido relações com algumas destas personagens. Agripina era neta de Escribónia, o que a fazia prima dos Cipiões,

⁷⁶ Veja-se FERRILL (1970/1971) 728-731, PANI (1979) 71-103 e, mais recentemente, LUISI (2008) 35-39.

⁷⁷ *PIR*² I 634, *RE* 10, *Iulius* 550, *FOS* 421.

⁷⁸ *PIR*² I 214.

⁷⁹ *PIR*² I 635, *RE* 10, *Iulius* 551, *FOS* 813.

⁸⁰ *PIR*² I 463, *FOS* 812.

⁸¹ Veja-se SYME (1939) 419-439, SATTLER (1969), SHOTTER (1971), LEVICK (1972), LEVICK (1975) e LEVICK (1976).

⁸² Veja-se a síntese de LEVICK (1976) 302-305.

⁸³ *PIR*² C 1435.

⁸⁴ Veja-se SYME (1986) 244-254.

⁸⁵ *PIR*² C 985. Cf. WISEMAN (1970).

⁸⁶ *PIR*² I 826, *Laet* 205.

⁸⁷ *PIR*² I 830, *Laet* 203.

⁸⁸ *PIR*² C 1581.

⁸⁹ *PIR*² A 839, *Laet* 206.

⁹⁰ *PIR*² A 419, *RE* 1, *Aemilius* 169, *FOS* 29.

⁹¹ Ver a sugestiva análise de FERRILL (1970/1971) 728-731.

de L. Emílio Paulo e dos Escribónios Libões⁹². A filha de Emílio Paulo e de Júlia Menor esteve prometida a Cláudio (Suet. *Claud.* 26. 1), o que pode indiciar proximidade entre os *Claudii Nerones* e Júlia. Contudo, o compromisso desfez-se com o exílio desta⁹³. Já antes, Cláudio tivera o casamento aprazado com Lívia Medulina⁹⁴ († 4), filha de uma Lívia Escriboniana, talvez sobrinha ou sobrinha-neta de Escribónia⁹⁵. E estas relações familiares podiam continuar⁹⁶. Mas estamos perante *amici* de Germânico? Os únicos indivíduos próximos de Germânico talvez relacionados com as Júlias eram Crético Silano (por certo familiar dos Silanos, talvez casado com uma Escribónia e por isso talvez cunhado do Libão revoltoso de 16), M. Emílio Lépidio (primo de L. Emílio Paulo, irmão da Emília, a noiva de Lúcio César, e neto de uma Júnia Silana) e talvez Sêncio Saturnino (se a mãe de Escribónia tiver mesmo sido uma Sência)⁹⁷. Uma Júnia Silana foi também mulher de C. Sílio⁹⁸, o filho de Sílio e de Sósia Gala, que depois foi amante de Messalina. No entanto, como adverte B. Levick, nem sempre a prosopografia é uma boa ajuda⁹⁹...

De facto, M. Emílio Lépidio aceitou o consulado, obviamente com o apoio imperial, logo em 11: se houvesse suspeitas sobre a sua lealdade, apesar das suas relações familiares, tê-lo-ia conseguido? Do mesmo modo, Crético Silano foi *rector Syriae* e senhor das legiões orientais logo em 14, o que, se pode estar relacionado com a amizade de Germânico, resulta certamente da confiança de Augusto/Tibério. E se M. Libão se revoltou em 16, não foi por isso que Crético Silano, talvez seu cunhado, foi afastado da Síria em 17¹⁰⁰. De resto, o irmão de L. Emílio Paulo, marido de Júlia Menor, era M. Emílio Lépidio, homem sempre próximo de Tibério¹⁰¹: em 8, no ano em que sua cunhada Júlia Menor foi exilada, foram-lhe confiadas as legiões da Panónia e em 14 estava na Tarraconense, à frente de três legiões. Por fim, se D. Júnio Silano

⁹² M. Escribónio Libão Druso (*PIR*² L 295, SYME (1986) 255-269) foi condenado à morte em 16, por conspiração contra Tibério. Era neto por via paterna de L. Escribónio Libão (*cos.* 34 a.C.), o pai ou o irmão de Escribónia, mulher de Augusto e mãe de Júlia. M. Escribónio Libão Druso era também, filho ou sobrinho de M. Lívio Druso Libão (*cos.* 15 a.C.), irmão adoptivo de Lívia, a mulher de Augusto. Por via materna, era sobrinho de Cn. Cornélio Cina Magno (*cos.* 5 d.C.) e bisneto de Cn. Pompeio Magno (*cos.* 70, 55, 52 a.C.). Escribónia esteve com este Libão, quando este foi acusado em 16 d.C. (*Sen. ep.* 70.10).

⁹³ Suet. *Claud.* 26. 1 *quod parentes eius Augustum offenderant, uirginem adhuc reouidiuit...*

⁹⁴ *PIR*² L 304, *RE* 13, *Livius* 40, *FOS* 500.

⁹⁵ *FOS* 503. Escriboniana não surge nas fontes. Seria filha de M. Lívio Druso Libão (*cos.* 15 a.C.), irmão ou sobrinho de Escribónia e irmão adoptivo de Lívia. O marido terá sido M. Fúrio Camilo (*cos.* 8).

⁹⁶ L. Domício Aenobarbo (*cos.* 16 a.C.) que casou com Antónia Maior, tia de Germânico, era filho de uma Emília Lépidia e, assim, parente próximo de L. Emílio Paulo, marido de Júlia Menor. Cf. CARLSEN (2006).

⁹⁷ Scheid, 1975, 363.

⁹⁸ *PIR*² S 714, *RE* 3A, *Silius* 4, Laet 1118. Sobre esta Júnia Silana, ver também *PIR*² I 864 e *FOS* 474.

⁹⁹ LEVICK (1976) 305: «prosopography is a dangerous tool».

¹⁰⁰ A revolta também não impediu o consulado de L. Libão, irmão de M. Libão, no próprio ano de 16.

¹⁰¹ Vejam-se as conclusões de SYME (1955) e SYME (1986) 128-140.

foi o adúltero exilado com Júlia Menor em 8, os seus irmãos Gaio e Marco foram cônsules logo em 10 e em 15 respectivamente, o último como colega do filho de Tibério, Druso. Tem razão Levick: nem sempre uma relação familiar significa proximidade política. De resto, estou convicto de que conseguiríamos estabelecer relações familiares entre muitos dos membros da aristocracia romana, pró e contra Augusto/Tibério¹⁰². Mas estamos longe de poder afirmar que «*tutti coloro che gravitarono nell'entourage di Giulia minore*» são «*tutti sodales del circolo di Germanico*» (sublinhados meus)¹⁰³.

Desde pelo menos Marsh¹⁰⁴, muitos quiseram partir destas relações para encontrar em Germânico um dos *amici* ou mesmo o líder dos *amici* das Júlias, no final do principado de Augusto. Germânico e os seus *amici* constituiriam assim uma facção política sobretudo anti-Tibério¹⁰⁵: de um lado, estariam os Júlios (Júlia Maior e Menor, Póstumo, Agripina e Germânico) e do outro os Cláudios (Lívia, Tibério e Druso). B. Levick veio, com razão, questionar esta interpretação. A começar pela denominação: Júlia Maior era, de facto, uma Júlia; Gaio, Lúcio e Póstumo eram Júlios por adopção, mas nasceram Vipsânios; Júlia Menor e Agripina nunca pertenceram à *gens* Júlia: eram Vipsânias. Já Tibério, adoptado por Augusto, tornara-se Júlio: era, pois, tão Júlio quanto Gaio, Lúcio ou Póstumo; assim também Druso, seu filho, e o próprio Germânico, seu filho adoptivo. Por isso, entre Germânico e Agripina, o Júlio era ele e não ela. Quem quer ver em Tibério o líder dos Cláudios, e, após 8, Germânico como líder dos Júlios, esquece-se de que ambos eram, antes de mais, *Claudii*; e que, desde 4, o *paterfamilias* dos *Claudii Neronis* não era nem Tibério nem Germânico, mas Cláudio. E Augusto, também Júlio apenas por adopção, estava de que lado? Dos Júlios, cujos supostos líderes ele foi exilando, ou dos Cláudios, cujo pretensão líder lhe sucedeu?

Creio que a apresentação do final do principado de Augusto como uma luta entre Júlios e Cláudios deve ser mais bem escrutinada, sob pena de se concluir que a adopção não tinha qualquer significado real em Roma. Naturalmente, o casamento de Júlia e Tibério e a adopção deste devem ter tido a oposição dos filhos de Júlia e Agripa. Porém, não uma oposição Cláudios *vs.* Júlios, mas eventualmente entre os descendentes de Augusto e aqueles que não o eram¹⁰⁶. Ora, Germânico não descendia de Augusto. Era, é certo, casado com uma neta do imperador e era ele próprio neto de Octávia e de Lívia, a irmã e a mulher de Augusto. Estas relações podem explicar uma preferência do primeiro príncipe. Contudo, não creio que permitam entender

¹⁰² Cf. FERRILL (1970/1971) 726-727.

¹⁰³ LUISI (2008) 36.

¹⁰⁴ MARSH (1926).

¹⁰⁵ Vejam-se por exemplo SHOTTER (1971), PANI (1979) 71-90, PANI (1993²) 244-255, LUISI (2008) 36-42.

¹⁰⁶ LEVICK (1975) 33-38 defende que o conflito se cristalizou entre os descendentes de Escribónia e os de Lívia, as duas mulheres de Augusto. Creio, no entanto, que não se deve exagerar o possível papel de Escribónia. De facto, será mais simples entender um possível conflito entre os descendentes directos de Augusto (Júlia Maior e os filhos) e os que não descendiam do primeiro príncipe (Tibério).

Germânico como líder dos *amici* das Júlias, sobretudo após 8, e/ou encostá-lo à oposição a Tibério.

É certo que Tácito quer lançar a suspeita sobre a rivalidade entre Tibério e Germânico. Mas a análise dos textos confirma-a? Tácito e Suetónio insistem nas simpatias republicanas de Druso, o pai de Germânico, próximas das de Tibério (Tac. 1. 33). Tácito reconhece que a esperança depositada em Germânico advinha das tendências «republicanas» do pai (Tac. 1. 33). Se Tibério pode ter sido forçado a adoptar Germânico¹⁰⁷, é facto que nenhum autor mostra animosidade (antes pelo contrário) entre Germânico e Druso, o filho de Tibério (Tac. 1. 76, 2. 43, 2. 53, D.C. 57. 18. 7). Se Germânico fosse um apoiante declarado das Júlias, certamente não teria sido enviado para a Dalmácia, à frente de forças militares, nos anos críticos de 7-8 (D.C. 55. 32. 1). Se Germânico tivesse apoiado as Júlias, dificilmente Augusto teria continuado a confiar nele, depois de ter exilado a filha e a neta. De resto, durante os motins do Reno, em 14, Tácito, Suetónio e Cássio Dión mostram o esforço de Germânico em garantir a lealdade das legiões a Tibério (Tac. 1. 34-37, Suet. *Tib.* 25. 2-3, *Cal.* 1, D.C. 57. 5, cf. D.C. 57. 18. 7). É ainda possível que uma das primeiras medidas de Tibério tenha sido a de conseguir que o Senado atribuisse o *imperium proconsulare* a Germânico, talvez não concedido por Augusto¹⁰⁸. Ainda ausente, Germânico foi louvado no Senado por Tibério (Tac. 1. 52 diz que o fez contrariado) e, em 15, recebeu uma segunda saudação imperial (Tac. 1. 58). Depois, foram-lhe concedidas novas insígnias triunfais (Tac. 1. 72), foram organizados jogos em seu nome (Tac. 1. 76) e foi-lhe erguido um arco triunfal, em Roma, *auspiciis Tiberii* (Tac. 2. 41). Por fim, o Senado concedeu-lhe o triunfo (Tac. 2. 41), o imperador distribuiu trezentos sestércios por cada Romano em seu nome (Tac. 2. 42) e foi-lhe atribuído um segundo consulado, tendo como colega o próprio Tibério (Tac. 2. 53). Para Shotter, o envio de Germânico ao Oriente, com *imperium maius* por cinco anos, pretendia afastá-lo do Reno¹⁰⁹. Mas, se assim fosse, teria Tibério mantido C. Sílio, *amicus* de Germânico, à frente das legiões renanas (Tac. 3. 42-46)? Ora, também Augusto enviara os seus herdeiros, Agripa (13 a.C.), Tibério (6 a.C.) e Gaio (1 d.C.), ao Oriente¹¹⁰. E ao enviar Pisão como *adiutor* de Germânico (Tac. 2. 43, 3. 12), Tibério estava a recuperar o modelo de Augusto, que enviara Gaio César à Síria e, a acompanhá-lo, o *senior* M. Lólio¹¹¹. É de abandonar a leitura

¹⁰⁷ Tac. 1. 3, Suet. *Tib.* 15. 2. GOODYEAR (1972) 114, defende que Tácito procura mostrar ao seu leitor que o próprio Augusto pretendia estabelecer Germânico como opositor declarado a Tibério.

¹⁰⁸ Tac. 1. 14. D.C. 56. 25. 2 faz recuar este *imperium proconsulare* ao ano 11. SYME (1978) 56-57 considera que a atribuição do *imperium proconsulare* deve antes situar-se no ano 13.

¹⁰⁹ SHOTTER (1974) 234.

¹¹⁰ A ida de Agripa ao Oriente deve ter tido fins administrativos locais (D.C. 54. 19. 6, 54. 24. 4-6). A de Tibério procurava resolver a sucessão na Arménia (D.C. 55. 9. 4-5). Gaio foi enviado para resolver o mesmo problema arménio e para fazer frente à ameaça dos Partos (Vell. 2. 101. 1, Tac. 2. 4, D.C. 55. 10. 18ss). Germânico iria resolver problemas de sucessão na Capadócia, de tributação fiscal em Palmira e do terramoto da Ásia em 17 (Tac. 2. 43).

¹¹¹ Vell. 2. 102. 1, Tac. 3. 48, Suet. *Tib.* 12. 2. Sobre o suicídio de Lólio, cf. Vell. 2. 102. 1, Plin. *nat.* 9.

literal de Tácito. Não encontro motivos suficientes para duvidar *realmente* das relações, talvez não demasiado próximas, mas suficientemente leais e cordiais entre Tibério e Germânico.

Germânico era também neto de Marco António. Ora, esta relação poderia constituir novo indício da sua *amicitia* por Júlia Maior, uma vez que a única execução (ou suicídio) do *affair* de 2 a.C. fora a de Júlio António, amante da filha de Augusto (Vell. 2. 100, Tac. 1. 10, D.C. 55. 10). Ele era filho de Marco António e, por isso, tio de Germânico. Ápio Cláudio, outro dos supostos amantes de Júlia, era também sobrinho de Júlio António. Para Rohr Vio, Júlia e António queriam estabelecer em Roma uma monarquia orientalizante inspirada no modelo de M. António¹¹². Mas se Germânico fosse próximo deste modelo antoniano e não do ambiente republicano, como começa por admitir Tácito, por que razão o apoiaria Augusto? Ou teria Germânico ocultado tal adesão? Ou teria esta sido tardia? Este é, creio, um percurso especulativo perigoso.

Relacionam-se com a sua viagem ao Oriente os principais argumentos para esta ideologia helenizante de Germânico¹¹³: foi aclamado à maneira dos monarcas helenísticos, em Lesbos e Alexandria¹¹⁴, com estátuas, títulos (θεὸς νέος; Agripina: θεὰ Αἴολις καρποφόρος), cunhagens, magistraturas honoríficas e jogos¹¹⁵; visitou Áccio, onde recordou M. António¹¹⁶, e Atenas, cidade aliada do mesmo António¹¹⁷; como Alexandre, passou por Tróia (Tac. 2. 54); visitou o oráculo de Apolo Cláudio (Tac. 2. 54); aceitou coroas oferecidas pelo rei dos Nabateus (Tac. 2. 57); entrou no Egipto, terra simbólica para os antonianos, sem autorização imperial (Tac. 2. 59-61); o discurso aos Alexandrinos, onde se referira a Lívia e Tibério como seres divinos (θειότης), desmentiria o seu «republicanismo» e comprovaria a filiação na ideologia de António¹¹⁸.

Contudo, as honras recebidas por Germânico na Jónia e em Alexandria foram semelhantes às que Tibério e Gaio haviam recebido e às de que Augusto

¹¹² ROHR VIO (1998) 232. O bacanal no *Forum* e nos *Rostra* (Plin. *nat.* 21. 9, Sen. *ben.* 6. 32. 1), apesar de não muito verosímil, pode indicar isso.

¹¹³ Veja-se QUESTA (1957) e PANI (1975).

¹¹⁴ Cf. IG 12.2, n. 212-213=IGR 4.74-75. Veja-se sobretudo o material recolhido por WILAMOWITZ-MOELLENDORF, ZUCHER (1911) 797, 812-821 e MAGIE (1950), vol. 2, 1356-1357.

¹¹⁵ Sobre a presença de António Menor na viagem e as honras recebidas, cf. RODRIGUES (2007) 466-468.

¹¹⁶ Tac. 2. 53. Para QUESTA (1957) 297, «nell'ambiente germaniciano i due antichi mortali rivali erano idealmente affiancati e coalizzati contro Tiberio». Não creio haver dados concretos para tal interpretação. SAVAGE (1938) 238 encontra aqui um paralelismo com a visita de Eneias ao local da futura batalha de Áccio (cf. Verg. *Aen.* 3. 278-288). Cf. a mesma identificação Germânico/Eneias em BEWS (1972-3) 39.

¹¹⁷ Tac. 2. 55. QUESTA (1957) 299 defende que, em Atenas, Germânico teria sido objecto de aclamações semelhantes às de que Demétrio Poliorceta tinha sido alvo, ou às que foram decretadas a M. António na Ásia Menor. Trata-se de mera hipótese, não confirmada pelas fontes.

¹¹⁸ WILAMOWITZ-MOELLENDORF, ZUCHER (1911) que primeiro notaram a filiação de Germânico na ideologia antoniana. Cf. POXY. 2435r em LOBEL, TURNER (1959) 102ss. Cf. PANI (1979) 84-86.

e Lívía eram alvo no Oriente¹¹⁹; foi em associação com Druso, filho de Tibério, que Germânico foi aclamado na Lídia como νέος θεός φιλάδελφος¹²⁰; em Áccio, homenageou António, mas também Augusto, e apenas porque a frota estava em reparação em Nicópolis (Tac. 2. 53); a viagem à Bitínia e Ponto, além de pretender conhecer os *ueteres locos fama celebratos*, procurou *pariter* a resolução de problemas internos (Tac. 2. 54); a passagem por Tróia ocorreu *porque* os ventos não permitiram a ida a Samotrácia (Tac. 2. 54); a admiração por Alexandre era comum em Roma¹²¹; a consulta do oráculo de Apolo Cláριο respondeu à devoção de Germânico¹²², mas Apolo era também deus protector de Augusto; se Tibério rejeitou, em Roma, os títulos e honras *atribuídas a Augusto* (Tac. 1. 14, D.C. 57. 8. 1, 57. 18. 2), não terá proibido que o título de *Augustus* em relação a si próprio fosse escrito ou dito e ele próprio usou-o em correspondência (D.C. 57. 8. 2); o discurso de Germânico aos Alexandrinos enquadrava-se bem na tradição egípcia¹²³. Afinal, não fora já Augusto objecto de culto no Oriente, em vida¹²⁴? A questão não reside no acordo de Germânico com as ideologias helenísticas, mas na *gerousia* à qual ele se dirigiu e na consequente adequação da linguagem a este público. Que a «divinização» retórica de Tibério-Lívía significasse em Alexandria necessariamente a defesa de modelos antonianos parece-me um passo que o texto não permite¹²⁵. É facto que Germânico se vestiu no Egipto como um grego (Tac. 2. 59), mas Tibério fizera o mesmo em Rodes (Suet. *Tib.* 11-13). E, se Tibério pode ter ficado agastado com a ida de Germânico ao Egipto, recorde que já Gaio havia feito o mesmo¹²⁶. Por fim, recorde que já Augusto patrocinara a divinização de Júlio

¹¹⁹ Cf. MAGIE (1950) vol. 2, 1343 (Gaio), 1357 (Druso, filho de Tibério), 1357-1361 (Tibério) e *PIR² I 216* (Gaio) e *PIR² I 219* (Druso), com títulos (ainda em vida) semelhantes aos atribuídos a Germânico.

¹²⁰ HEAD (1901) 110.

¹²¹ Cf. MICHEL (1967).

¹²² *Ov. fast.* 1.20 relaciona Germânico e o *Clarius deus*, antes de 18, data da visita ao santuário.

¹²³ MARRONE (1978) 214 e GALLOTTA (1987) 163 defendem o carácter tradicional, no Oriente, das honras prestadas a Germânico e à família. HABICHT (1973) 76-78 considera também as expressões usadas por Germânico em Alexandria como protocolares. Vejam-se reticências de F. Millar (HABICHT (1973) 94). Gallotta cita GREYHER (1946), que defende que as honras reservadas a Agripina (cf. QUESTA (1957) 300) são pálidas em comparação com as reservadas a Lívía, ainda em vida desta.

¹²⁴ Cf. GALINSKY (1996) 312-331.

¹²⁵ Contra, QUESTA (1957) 312-313. Quanto ao prólogo dos *Aratea*, se for mesmo da autoria de Germânico, creio que pode ser entendido no contexto da poesia augustana onde não era estranha a aproximação do príncipe aos deuses. Cf. e.g. *Hor. epist.* 2. 1. 15-16 e GALINSKY (1996) 312-322.

¹²⁶ *Or.* 3. 4-5. Não afasto a possibilidade de um desentendimento com Tibério por causa desta visita. Vejam-se Tac. 2. 59 e Suet. *Tib.* 52. 5. É facto que o *imperium maius* foi atribuído pelo senado sobre as *provinciae quae mari diuiduntur* (Tac. 2. 43). Ora o senado não tinha autoridade sobre o Egipto, pelo que, apesar de GALLOTTA (1987) 164-165, é possível que Germânico tenha entrado de forma ilegal no Egipto, mesmo se os maus anos agrícolas o pudessem ter exigido. Este é, contudo, o único momento de uma atitude menos «obediente» de Germânico. É possível que as relações entre Germânico e Tibério se tivessem tornado mais frias. Daí até criar um Germânico antoniano vai um passo demasiado largo.

César no *forum* e mandara construir um mausoléu que rivalizava com o do próprio Alexandre.

Ou seja: não encontro entre os *amici* de Germânico indivíduos *realmente* ligados ao(s) círculo(s) das Júlias (nenhuma fonte integra neles Agripina); não creio que haja indícios de uma rivalidade *efectiva* entre Tibério e Germânico, além da que Tácito quer literariamente construir; não encontro indícios suficientemente fortes de uma relação de Germânico com as ideologias helenísticas. É um facto que, no Reno, ele se inclui entre os descendentes dos «divinos Júlio e Augusto»; mas ele próprio *nondum* (Tac. 1. 42). E é Tácito que aproxima Germânico de Alexandre, na idade, no local da morte e na suspeita de envenenamento (Tac. 2. 73). De resto, mesmo se Augusto recusa ser chamado *dominus*, são do seu tempo óbvias aproximações do príncipe aos deuses, na insistência numa estirpe divina e na propaganda de um *ethos* divino. Germânico não parece ser assim tão diferente. Mas nem por isso esta atitude significa a proximidade/continuidade entre os amigos das Júlias e Germânico e os seus próprios *amici/comites*.

Naturalmente, mesmo sem sobreposição entre *amici*, é possível que Germânico fosse apreciado por amigos das Júlias: afinal, Júlia Maior e Póstumo só morrerão em 14 e Júlia Menor em 28 ou no início de 29; e a única filha de Júlia Maior ainda livre era precisamente a mulher de Germânico. Apesar de nenhuma fonte a relacionar com estas conspirações ou grupos, é possível que Agripina concitasse esperanças. É, por isso, também verosímil que Germânico sofresse pressão para se afirmar como líder de um grupo de *amici* que certamente entendia Tibério como adversário. É ainda verosímil que Tácito se faça eco de algum mau estar entre Tibério e Germânico, originado nesta pressão, e que esse mau estar tenha atingido um momento crítico com a inusitada visita ao Egipto. Tudo isso parece verosímil, mas convenhamos que nada mais que isso.

Há, contudo, duas tentativas de «golpes» que poderiam corroborar esta versão. Entre os conspiradores contra Augusto, Suetónio refere um L. Audásio e um Asínio Epicado, que teriam tentado resgatar Póstumo e Júlia (Maior ou Menor?) dos seus exílios, em algum momento entre 8 e 14¹²⁷, para serem levados até ao exército (Suet. *Aug.* 19. 2). Depois, logo após a morte de Augusto, Tácito refere que um tal Clemente, escravo de Póstumo, teria procurado libertá-lo, sem êxito (Tac. 2. 39): Póstumo acabará morto. Também aqui sabemos o objectivo de Clemente: conduzir Póstumo *ad exercitus Germanicos...* comandados, em 14, por Germânico.

As tentativas para libertar Póstumo procuravam, pois, em ambos os casos, levá-lo até às legiões. No último caso, se Tácito estiver certo, isso significaria expressamente levá-lo até às legiões do Reno, comandadas por Germânico. No primeiro, não é inverosímil pensar que o plano fosse semelhante, uma vez que, depois do ano 7, Germânico esteve quase sempre em campanha militar. É, pois, verosímil que o plano para libertar Póstumo implicasse levá-lo até Germânico.

¹²⁷ LEVICK (1976) 337-338 situa a conspiração no final de 7- início de 8. SORDI (1979) 488-489 prefere 13.

De facto, os conspiradores sabiam que precisariam de força militar para enfrentar Tibério e Germânico era cunhado de Póstumo e um dos principais líderes militares. É verosímil que tenha havido pressão sobre Germânico, para que ele assumisse uma posição em prol da mãe e irmãos da mulher, como um dos seus *amici*. E é óbvio que, ao querer levar Póstumo para a Germânia, Clemente esperava aí alguma ajuda. Ainda que não possamos prever o que teria acontecido se Clemente tivesse tido êxito, e mesmo sabendo que as legiões do Reno se revoltaram contra Tibério em 14 e ofereceram o poder a Germânico (Tac. 1. 35, Suet. *Tib.* 25. 2, D.C. 57. 5. 1-2), nenhuma fonte diz que o fizeram à espera da chegada de Póstumo¹²⁸ e, sobretudo, nenhuma acusa Germânico de ser responsável pela rebelião. Pelo contrário, mais tarde, a revolta de Libão, em 16, mostra a agonia do grupo de *amici* das Júlias (Tac. 2. 27-32, Suet. *Tib.* 25. 1, D.C. 57. 15. 4). Germânico não intervém. Não era líder nem membro desse grupo. É possível que Agripina tenha desempenhado algum papel. A análise do papel de Agripina, no entanto, já não cabe nesta comunicação.

Sendo assim, Germânico encontra-se no centro da família imperial, retalhado entre Júlios e Cláudios. Ovídio só se interessa por ele quando percebe que não era apenas mais um na família imperial. Germânico rodeia-se de *homines noui*, mas o preceptor e a noiva para o filho saem da velha *nobilitas*; no consulado, os seus amigos *nobiles* são *ordinarii*, os *homines noui*, *suffecti*. Apesar das relações familiares, Germânico não pertenceu aos círculos de Júlia Maior e Menor e não encontrei indivíduos que tivessem transitado destes para o seu próprio círculo de relações. Do mesmo modo, não há indícios suficientes que confirmem a oposição a Tibério nem a simpatia de Germânico pelas ideologias helenizantes, que o pudessem ter aproximado dos *amici* da sogra e dos cunhados. É possível que o casamento com Agripina possa ter suscitado esperanças por parte destes. Debalde. Falharam as duas tentativas para libertar os exilados e a revolta das legiões do Reno não procurou a entronização de Póstumo. É possível que Tibério tenha temido Germânico e que as relações entre os dois tenham esfriado no final da vida deste. Mas ir mais além entraria no domínio do romance.

¹²⁸ Segundo Tac. 1. 31ss, Suet. *Tib.* 25. 2 e D.C. 57. 5, a revolta das legiões teve a ver com reivindicações acerca do tempo de incorporação, do aumento do soldo e da licenciatura. Além disso, não foram apenas as legiões do Reno mas também as do Danúbio a revoltarem-se. Contudo, apenas as primeiras terão procurado rejeitar explicitamente o poder de Tibério. Esta diferença só não é sublinhada por Vell. 2. 125.